



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA-UFRB  
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MAIANA TELES EVANGELISTA  
SIMONE MIRANDA TELES FERNANDES

**O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EJA CAMPO: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE UMA  
PROFESSORA DE CIÊNCIAS**

Feira de Santana - Ba  
2024

MAIANA TELES EVANGELISTA  
SIMONE MIRANDA TELES FERNANDES

**O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EJA CAMPO: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE UMA  
PROFESSORA DE CIÊNCIAS**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do título de Licenciado (a) em Educação do Campo na Área de Conhecimento Ciências da Natureza.

Orientadora: Profa. Dra. Maricleide Pereira de Lima Mendes

Coorientação: Ms. Lélia Maria Sampaio Santana


FEIRA DE SANTANA  
2024

## FOLHA DE APROVAÇÃO

MAIANA TELES EVANGELISTA  
SIMONE MIRANDA TELES FERNANDES

### O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EJA CAMPO: PERCEPÇÕES DE UMA PROFESSORA DE CIÊNCIAS


Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciências da Natureza, do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade - CETENS/ UFRB, no dia XX de XXXX de 2024, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo na Área de Conhecimento Ciências da Natureza.

 Documento assinado digitalmente  
MARICLEIDE PEREIRA DE LIMA MENDES  
Data: 28/08/2024 10:30:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

#### BANCA EXAMINADORA

---


Maricleide Pereira de Lima Mendes  
Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade  
Federal da Bahia/UFBA  
Professora do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e  
Sustentabilidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB  
Orientadora

 Documento assinado digitalmente  
KLAYTON SANTANA PORTO  
Data: 24/09/2024 17:12:26-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Klayton Santana Porto  
Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade  
Federal da Bahia/UFBA  
Professor do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e  
Sustentabilidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB  
1º avaliador

Leila Damiana Almeida dos Santos Souza  
Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia  
(UFBA)  
Professora do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e  
Sustentabilidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB

 Documento assinado digitalmente  
LEILA DAMIANA ALMEIDA DOS SANTOS SOUZA  
Data: 04/09/2024 08:17:57-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Aprovada em: 18/08/2024

## Dedicatória

Dedicamos este trabalho a Deus; sem ele nós não teríamos a direção e a capacidade de conclusão deste Curso. Gratidão a ti, nosso Mestre!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da nossa trajetória, não somente nesses anos na universidade, mas em todos os momentos Deus foi e é nosso maior Mestre e Pai em todas as etapas, boas e ruins.

Às nossas mães e familiares que sempre nos apoiaram juntamente com os esposos e filhos que acreditaram no nosso potencial e não nos deixaram desistir, por compreender os momentos que passamos ausentes para realização dessa conquista.

Agradecemos à nossa orientadora Dr.<sup>a</sup> Maricleide Pereira de Lima Mendes pela dedicação e confiança, dentro e fora da academia, estando sempre disponível para esclarecer as nossas dúvidas, sempre dedicada e também incentivadora. Quando tudo parecia difícil e pensávamos que não iríamos conseguir, ela com sua paciência dizia “eu confio em vocês, meninas!”, nunca nos deixou só. Agradecemos também à nossa coorientadora Lélia Maria Sampaio Santana, pelo seu olhar atento à nossa escrita.

Agradecemos a todos os professores, principalmente aos Professores Klayton Porto, Thiago Dias, Rita Chagas, Idalina Borghi, e, por fim, à Professora Edjane Estrela que contribuiu com nossa pesquisa por nos proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas também de caráter e afetivo para educação no processo de formação profissional. Por tudo que se dedicaram, não somente por terem nos ensinado, mas por terem contribuído com nosso aprendizado, nosso eterno agradecimento a todos. A todos os amigos de dentro e fora da universidade que nos motivaram a persistir na busca da conclusão do curso, principalmente Mariana Alves, que estava sempre conosco, Quércia, Jossiana e Elizabete.

À instituição UFRB e ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Área de Ciências da Natureza pelo ambiente formativo e agradável que nos proporcionou construção do conhecimento para nossa formação acadêmica.

## **RESUMO**

Trabalhar na Educação de Jovens e Adultos conteúdos da área de Ciências deve ser pro meio da mediação dos conhecimentos prévios desses sujeitos, considerando vivências. O presente trabalho tem por objetivo compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas por uma professora de Ciências da Educação de Jovens e Adultos de uma escola do campo (EJA Campo) do município de Feira de Santana (BA). Para fundamentar nossa pesquisa, acolhemos as contribuições da pesquisa de campo com abordagem qualitativa na área de educação, para atingir os objetivos propostos aplicamos um questionário com sete questões abertas a uma professora da Educação de Jovens e Adultos do Campo de uma escola no distrito de Feira de Santana (BA). A partir dos resultados obtidos podemos perceber que a professora da EJA Campo realiza suas práticas pedagógicas de acordo com a realidade de seus alunos com olhar afetivo e amoroso, contribuindo para a aprendizagem do aluno de forma significativa, principalmente nessa modalidade de ensino.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Prática Pedagógica. Ensino de Ciências. Educação do Campo.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

EJA - Educação de Jovens e Adultos

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

P1 - Professora um

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais



## LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Questões aplicadas .....

## 1 Introdução

Educação do campo, é uma modalidade de ensino que veio para nos tornar indivíduos significantes e protagonistas da nossa identidade, pois não adianta estar no campo e não se sentir seres pertencentes ao seu lugar de convivência.

A Educação do Campo nos traz uma concepção de trajetória de prática pedagógica em sala de aula que reflete muito nas comunidades acerca da aprendizagem dos alunos da Educação de jovens e Adultos. Podemos enfatizar que na convivência com os alunos EJA Campo se tem um cuidado maior com esses indivíduos ali inseridos. Pois percebemos que esses alunos chegam em sala de aula cansados, desanimados e alguns sem perspectiva de aprendizagem, mas observamos um diferencial na prática desenvolvida pela professora observada.

O Movimento da Educação do Campo, nas últimas décadas, tem repercutido na sociedade brasileira por meio de ações de lutas sociais em defesa de um novo paradigma de educação libertadora e de escola do campo de qualidade (Molina, 2012). Esse novo modelo visa implantar processos de formação humana, tendo por base os processos produtivos e as formas de trabalho próprias dos povos do campo (Caldart, 2012).

Para as autoras Caldart (2012) e Molina (2012), o Movimento da Educação do Campo busca desenvolver práticas educativas que contribuam para ruptura dos modelos de ciência e de produção de conhecimento que servem como base para estruturar o modo de produção capitalista na agricultura.

A Educação do Campo busca valorizar e reconhecer o sujeito do campo por meio da preservação da história e da cultura destes. Nesse contexto, passamos a ter um novo olhar para sentir e projetar uma educação do e no campo. Esse novo olhar estabelece e demarca uma concepção de educação que objetiva a valorização dos povos camponeses, considera os espaços, os sujeitos do campo com suas especificidades e diversidades, saberes e lutas por terra, saúde, lazer e políticas públicas negadas historicamente, que provocaram o êxodo e a migração.

Nesse sentido, apresenta-se como uma bandeira de luta dos movimentos sociais do campo pelo direito à educação dos sujeitos camponeses. Luta que se coloca na contramão da política educacional hegemônica, porque entende a escola com o papel de não apenas instruir o/a trabalhador/a para atender às necessidades do mercado, mas que entende a educação como uma ação transformadora.

Hoje existe um grande desafio que é como materializar as práticas pedagógicas escolares que dialoguem com o contexto dos alunos do campo e como essas práticas podem ser fortalecidas, principalmente, na modalidade Educação de Jovens, Adultos do Campo (EJA Campo), esse desafio foi vivenciado por nós, quando assumimos aulas no Estágio Supervisionado. Assim, o presente trabalho partiu de uma inquietude proveniente das experiências vivenciadas por nós no Estágio Supervisionado como alunas da LEdoC. No momento do estágio, percebemos as inquietações e dificuldades de professores e a postura deles diante da realidade encontrada nas escolas do campo na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Como a Educação do Campo, a Educação de Jovens e Adultos, e aqui vamos considerar a EJA em escolas do campo (EJA Campo), é uma modalidade de ensino cercada de direitos negados. A EJA Campo tem a função de receber os sujeitos que, por motivos diversos, não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos ou até então estão fora da faixa etária de ensino e não completaram os Ensinos Fundamental e Médio.

Em sua trajetória, a EJA sofreu preconceitos, discriminações e falta de compreensão pelos sujeitos que compõem a sociedade. Entretanto, é preciso ressaltar que as lutas dos movimentos sociais foram também para que a EJA Campo passasse a integrar as propostas das políticas públicas. É preciso sinalizar que essa modalidade constitui um processo de inclusão social de busca por emancipação e transformação. Gadotti e Romão (2005, p. 85) sinalizam que a EJA Campo deve manter:

A valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, a sua “leitura de mundo”, dar o suporte para o desenvolvimento da oralidade, base da aprendizagem da leitura e da escrita. É preciso dar voz aos jovens e adultos, resgatar suas histórias, seus “causos”, fazê-los interagir com os textos, levantando hipóteses, validando-as ou não, mesmo que a leitura inicial seja realizada pela voz do alfabetizador. É nessa interação entre os seus conhecimentos prévios e os conhecimentos presentes nos textos que os alfabetizados vão construindo os seus possíveis sentidos.

Essa valorização da “leitura de mundo” reverbera em melhores condições de vida em todos os aspectos socioeconômicos que estão atrelados ao analfabetismo. Diante disso, a Educação de Jovens e Adultos, seja no campo ou na cidade, representa para muitos indivíduos a possibilidade de retornar ou retomar os estudos,

de buscar e recuperar o tempo perdido devido à falta de acesso à escola pelos mais variados motivos. Assim, tentam aprender a ler e a escrever, pois em uma sociedade em que ser analfabeto é sinônimo de miséria, conseguir qualquer coisa na vida, principalmente no que se refere aos bens materiais e ser alfabetizado representa um grande feito de supervalorização e de dignidade.

Assim como Godotti e Romão (2005), Cerqueira e Mendes (2024) consideram que as práticas pedagógicas na Educação do Campo devem ser caracterizadas por ações dialógicas entre educador e educando, com a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos na incorporação do processo de ensino e aprendizagem.

Cerqueira e Mendes (2024) ainda sinalizam que as práticas pedagógicas para o ensino de Ciências na Educação do Campo devem priorizar e valorizar os saberes locais dos sujeitos do campo, pois estes têm vasto conhecimento sobre o uso sustentável dos recursos naturais e articulam esses saberes tradicionais ao currículo científico, não apenas valoriza, a aprendizagem, mas também validam e preservam a identidade cultural das comunidades camponesas.

Diante desse contexto, delineamos a seguinte questão problema: que concepções os professores de Ciências de uma escola do campo do município de Feira de Santana possuem sobre prática pedagógica? E, para respondermos a essa questão, traçamos como objetivo geral compreender a concepção de prática pedagógica de professores de Ciências da EJA Campo de uma escola do campo do município de Feira de Santana.

Este estudo é relevante, pois, percebemos que existe uma carência na literatura de relatos de pesquisas em que sejam abordados os processos da prática docente de professores de Ciências do campo. Para tanto, apresentamos na primeira seção uma breve discussão sobre os aspectos introdutórios do estudo; na segunda seção, uma reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos na Educação do Campo; sobre a Prática Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos do Campo e sobre o Ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos do Campo. Em seguida, é apresentado o delineamento metodológico do estudo, e, por fim, são apresentados os resultados da pesquisa, encerrando-se com a tessitura das conclusões.

## **2 Referencial teórico**

## **2.1 A Educação de Jovens e Adultos na Educação do Campo – EJA Campo**

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada. Para a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (LDB), a EJA deve ser ofertada com metodologias apropriadas, considerando as vivências dos estudantes, seus interesses, condições de vida e de trabalho (Brasil, 1996).

Nessa mesma linha, Arroyo (2017) pontua que essa modalidade de ensino foi criada para proporcionar melhores condições de vida e de trabalho para esses indivíduos, pois estes, ao acessarem a EJA, obtêm melhora em seu conhecimento e autoestima, o que leva a um melhor desenvolvimento.

Arroyo (2017) ainda sinaliza que a EJA possui um público bem heterogêneo e diferenciado e, devido a esses fatores, fazem-se necessárias a utilização de diferentes metodologias de no processo de ensino, metodologias estas que venham a contribuir para o aprendizado dos alunos, bem como para a permanência destes em sala de aula.

Apesar de estar posto na LDB um ensino de qualidade para os sujeitos da EJA isso não acontece. Essa modalidade de ensino possui uma dívida histórica da sociedade brasileira para com os sujeitos que fazem parte do segmento EJA. E aqui vamos nos reportar aos sujeitos que fazem parte da EJA Campo, pois, quando levamos em consideração a realidade dos discentes do campo, encontramos jovens e adultos trabalhadores a quem foram negadas as condições para a efetivação do direito à educação (Souza; Borghi; Mendes; Porto, 2021).

A Educação do Campo e a EJA Campo foram objeto de muitos debates e enfrentamentos entre os movimentos sociais, intelectuais e camponeses para garantir uma educação de qualidade e sua implementação com pressupostos teóricos e epistemológicos voltados para a emancipação humana e a transformação social que, juntas, estão sempre em constantes mudanças no decorrer dos anos até os dias atuais. Esse embate não aconteceu de forma fragmentada, mas de maneira simultânea, pois, quando se luta pela Educação do Campo, luta-se também pela EJA no campo, uma vez que uma já faz parte da outra.

As conquistas da Educação de Jovens e Adultos e da EJA Campo permanecem interligadas aos movimentos sociais dos trabalhadores do campo, pois estes passaram a exigir maior engajamento político do direito à educação dos camponeses, propondo a valorização do trabalho do campo e defendendo a cidadania. Por meio da luta e da resistência dos movimentos sociais e organização de fóruns de EJA, novas concepções de ensino e construção de políticas públicas específicas para atender a estas modalidades foram se consolidando para proporcionar transformação e formação de sujeitos mais críticos.

Assim como Paulo Freire (1967), acreditamos que o papel da educação na construção da transformação dos sujeitos representa levá-los a compreender o mundo no qual estão inseridos e as possibilidades de sua transformação e, como consequência, a transformação do mundo.

A educação é um direito indispensável ao ser humano, sendo essencial e insubstituível em suas vidas, pois ela é responsável por promover mudanças em diversas áreas na existência dos indivíduos. Nossa sociedade necessita das práticas culturais associadas à educação, visto que ela é a base de qualquer prática humana para se viver em sociedade. Dificilmente uma sociedade conseguiria sobreviver se seus membros não tivessem acesso à educação (Brandão, 2002).

A Educação de Jovens e Adultos e a Educação do Campo colaboraram com o crescimento das reflexões e das experiências educacionais no Brasil, categoria de ensino onde a ação dialógica possibilita aos envolvidos falas, diálogos e pensamentos que fazem uma leitura do mundo por meio da leitura da palavra escrita. Um espaço na pedagogia que possibilita que cada sujeito construa novas hipóteses de leitura de mundo, seus pensamentos e as suas contribuições educacionais críticas.

O educador Paulo Freire (1967) acreditava no encontro de sujeitos para além da sala de aula, que buscam conhecimento como a principal ferramenta para gerar uma educação libertadora, onde o educador, desde a base do seu trabalho, considera o planejamento, a realização e a avaliação de modo que deverá interagir com os educandos, valorizando os conhecimentos prévios, lugares de falas, reflexões por todos os envolvidos. Nesse sentido Freire viabiliza o diálogo como novos caminhos para promover a valorização dos saberes e a aprendizagem de forma simples e eficaz onde a EJA na Educação do Campo se articula muito bem na visão de mundo dos sujeitos ali inseridos.

## **2.2 Prática Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos na Educação do Campo (EJA Campo)**

Compreendemos que na Educação de Jovens e Adultos as metodologias desenvolvidas com esse público precisam ser particularizadas, pois são sujeitos que requerem um cuidado e atenção maior, por serem educandos que, por alguma razão, deixaram de frequentar uma escola regular. Para isso, é necessário que o docente conheça os discentes de forma abrangente, através da qual se sintam envolvidos e motivados a estarem naquele espaço de aprendizagem e formação. Para Arroyo (2005, p 35),

Partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que aprenderam em suas trajetórias de vida será um ponto de partida para uma pedagogia que se paute pelo diálogo entre os saberes escolares e sociais. Esse diálogo exigirá um tratado sistemático desses saberes e significados, alargando-os e propiciando o acesso aos saberes, conhecimento, significados e a cultura acumulados pela sociedade.

No processo de aprendizagem e de formação desses sujeitos é necessário considerar as especificidades compreendendo-as como plurais. Para Paulo Freire (1967), as práticas pedagógicas na EJA devem ter o educando como agente ativo em seu processo de aprendizagem, devem levar em consideração seus conhecimentos prévios e experiências adquiridas no seu cotidiano, contextualizando estes com os conteúdos e práticas dentro da sala de aula. Freire (1967) priorizava a ação dialógica entre professor e aluno, quando o educador constrói sua fala a partir dessa relação pré-estabelecida. Para Souza, Borghi, Mendes e Porto (2021),

[...] o diálogo entre as práticas educativas escolares e as práticas educativas das comunidades é um dos principais desafios que a Educação do Campo, em especial a EJA Campo, tem enfrentado. Isto significa que o fortalecimento de uma educação do campo e no campo não pode prescindir de um currículo conectado com as demandas dos estudantes camponeses.

Fica notório em Paulo Freire (1967) e para Souza, Borghi, Mendes e Porto (2021), a importância de valorizar as experiências e o conhecimento de mundo nessas modalidades de ensino, a fim de tornar a sala de aula um ambiente significativo para a realidade do seu alunado. Além disso, Arroyo (2004, p.74) defende que os profissionais da educação precisam compreender os alunos “como

sujeitos de história, de lutas, como sujeitos de intervenção, como alguém que constrói, que está participando de um projeto social por isso que a escola tem que levar em conta a história de cada educando e das suas lutas do campo”.

Os alunos da EJA precisam ser bem acolhidos pelos professores em suas classes para que desperte neles o desejo de retornarem. De forma que esse professor não se imponha como detentor do saber, mas que esteja aberto para o diálogo com seus alunos e compreenda o anseio deles estarem naquele ambiente de construção de conhecimento e de aprendizagem, conjecturando com os saberes e realidade de cada um. Nesse sentido, Freire (1967, p.30) propõe,

[...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em área na cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem a saúde da gente.

Dessa forma, Freire (1997) relata, e concordamos com ele, que é essencial que o professor dialogue com esses alunos sobre os saberes que eles trazem consigo, mediando com a realidade do seu cotidiano e relacionando-os com os conteúdos apresentados pelo docente, onde se construa uma relação afetiva entre o professor e os alunos.

As escolas que ofertam a EJA Campo precisam proporcionar subsídios para garantir a aprendizagem dos conhecimentos sistematizados sem deixar de fora o conhecimento vivido do educando. A prática pedagógica quando é significativa e eficaz, tem o poder de envolver o aluno e produzir mais conhecimento.

### **2.3 O ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos do campo**

O Ensino de Ciências no campo deve estar articulado ao modo de vida campesino e isso requer a valorização da realidade na qual os alunos estão inseridos, articulando os conteúdos com os saberes do campo em um movimento dialético de problematização e dialogicidade que envolva comunidade e escola.

Trabalhar na EJA conteúdos da área de Ciências deve envolver a mediação dos conhecimentos prévios desses sujeitos, visando que eles possuem muitas vivências decorrentes, por exemplo, de suas atividades de trabalho no campo, nas suas comunidades, tornando mais fácil o aprendizado desses sujeitos ali inseridos.



Podemos ver que a ciência nos cerca de todas as formas e, sendo assim, aproximá-la da Educação de Jovens e Adultos é aproximá-la de forma investigativa e crítica, buscando conhecimento das coisas, fáceis ou complexas para elas, temos que buscar esclarecer o conhecimento científico.

Pensar o ensino de ciências para a EJA Campo é ter consciência de que esse ensino precisa ser melhor contextualizado, isso porque a Educação do Campo busca valorizar o homem camponês, pois ele está ligado diretamente ao contexto do ensino de ciências requerendo novos currículos e metodologias às quais ele seja integrado.

Como já sinalizado acima, a especificidade da Educação do Campo é respaldada em documentos legais como o artigo 28 da LDB 9394/1996 que autoriza medidas de adequação da escola às peculiaridades da vida rural (Brasil, 1996). Indo nessa mesma direção, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Brasil, 2002), em seu artigo Nº 5º, pontua que as propostas pedagógicas das escolas do campo “contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia”.

Esses documentos expõem que tais propostas devem valorizar a diversidade e a identidade dos sujeitos do campo e, também, os avanços científico e tecnológico. Nessa lógica, o ensino de Ciências para a EJA Campo deve estar articulado com o contexto campestre e com a comunidade escolar. As práticas pedagógicas devem manter uma relação indissociável entre educação, comunidade, política, cultura e projeto de sociedade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), “[...] O processo de ensino e aprendizagem na área de ciências naturais pode ser desenvolvido dentro de contexto social e culturalmente relevantes, que potencializam aprendizagens significativa” (BRASIL, 1998, p. 28). Para isso, entende-se que esse ensino precisa estar ligado aos saberes, vivências e experiências desses sujeitos, respeitando sua realidade cotidiana. Pertence ao professor essa responsabilidade de mostrar aos alunos um novo mundo de possibilidades. Para Mendes e Fadigas (2023, p. 175),

Pensar o ensino de Ciências/Química para o contexto do campo é pensar em um ensino que esteja articulado ao modo de vida do campestre, por meio da interação dos conteúdos com os saberes do campo, em um movimento que é dialético e dialógico, envolvendo

escola e comunidade, favorecendo uma ação dialógica que valorize a autonomia dos educandos e dê sentido à troca de saberes.

Assim como as autoras, defendemos que os saberes do campo precisam ser valorizados como ponto de partida da prática pedagógica, tendo como objetivo a superação e a transformação do alunado do campo na EJA, na busca da máxima propagação da ciência, potencializando os sujeitos do campo com relação à sua capacidade transformadora da realidade social, onde estejam inseridos conteúdos ligados de alguma forma com o meio ambiente, porque os sujeitos que ali estão inseridos são ricos de experiências de momentos vivenciados com várias visões de mundo que os cercam.

Paulo Freire (2005), em seu livro “Pedagogia do Oprimido”, defende uma prática pedagógica baseada na dialogicidade que torna professor e educando sujeitos atuantes, igualmente importantes no processo de ensino e aprendizagem. Concordamos com Freire, pois comungamos que a ação dialógica está atrelada a uma concepção de educação transformadora, libertadora e emancipadora, que tem como objetivo provocar o desenvolvimento dos pensamentos crítico e científico do estudante.

Nesse ínterim, o ensino de Ciências na EJA Campo, pensado na ação dialógica, tem importante papel na vida dos estudantes, pois vai proporcionar pertencimento em seu espaço.

### **3 Abordagem Metodológica**

Neste estudo, utilizamos a pesquisa qualitativa e de campo voltada à área da Educação. A pesquisa qualitativa abrange o conhecimento que é um “processo dinâmico e inacabado, e serve como referencial [...] das relações sociais, como forma de busca de conhecimentos próprios das ciências exatas e experimentais” (Gerhardt; Silveira, 2009, p.17).

A pesquisa de campo consistiu em uma coleta de dados por meio a uma professora efetiva que atua na EJA Campo em uma unidade de ensino do campo localizada em um distrito do município de Feira de Santana (BA) e que aceitou os termos da pesquisa. Com o intuito de preservar a identidade da professora, adotamos a letra P seguida de numeral 1 (P1) para denominá-la. Salientamos que

nesse distrito só existe essa professora que atua no ensino de Ciências na EJA Campo e por isso a pesquisa foi realizada apenas com uma professora.

A coleta de informações ocorreu mediante aplicação de questionário com sete questões abertas (quadro 1) no mês de fevereiro do ano de 2024. A escolha por esse instrumento foi decorrente a não disponibilidade da docente em reservar um horário que pudesse ser compatível com o horário das pesquisadoras, pois a mesma também trabalha em outro município.

**Quadro 1** - Questões aplicadas.

<p>1. Algumas perguntas sobre você:</p> <p>Nome:</p> <p>Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )</p> <p>Idade:</p> <p>Graduação em?</p> <p>Pós-Graduação?</p> <p>Vínculo empregatício:</p> <p>Tempo de trabalho na escola com a EJA Campo?</p> <p>Ministra que disciplina/s? Para que eixo?</p> <p>2. Qual concepção pedagógica norteia sua prática em sala de aula na EJA Campo?</p> <p>3. Qual seu maior desafio em ensinar estudantes da EJA Campo que trabalham?</p> <p>4. Você acha que o ensino da EJA Campo deveria ser diferente do ensino de outras modalidades?</p> <p>5. Como você trabalha os conteúdos de Ciências com os alunos da EJA Campo?</p> <p>6. Como ocorre a dialogicidade entre você e os seus alunos da EJA Campo?</p> <p>7. Qual a importância que tem a vida dos estudantes para que você pense na prática que será trabalhada em sala de aula com seus alunos da EJA Campo?</p>
---

**Fonte:** própria das autoras (2024)

Esse instrumento possibilitou perceber a concepção da professora acerca do ensino de Ciências no contexto da EJA Campo. As análises foram feitas por meio de uma abordagem interpretativa. Foi garantida, para a professora, a liberdade de opinião e o direito de não se manifestar, caso não se sentisse confortável durante o processo. Foi garantido que a professora poderia se recusar a responder qualquer questão ou participar de qualquer procedimento que lhe causasse descontentamento ou mal-estar.

#### **4 Análise das Informações**

Essa análise parte da reflexão do questionário aplicado a uma professora da EJA Campo. A docente tem 45 anos de idade, é graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica, em Gestão e Coordenação Escolar, em Alfabetização e Letramento e Atendimento Educacional Especializado. É professora concursada do município de Feira de Santana (BA), atua em turmas da EJA Campo há 8 anos, ministrando aulas em todas as disciplinas do fundamental 1.

Quando questionada sobre que concepção pedagógica norteia sua prática em sala de aula na EJA Campo, a docente sinaliza que é “de equidade que valoriza os conhecimentos e especificidades dos alunos no meio social, cultural e profissional” (P1).

Diante da fala da professora, percebemos que ela procura na sua prática valorizar os conhecimentos dos estudantes e compreender a realidade destes. Para Arroyo:

Partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que aprenderam em suas trajetórias de vida será um ponto de partida para uma pedagogia que se paute pelo diálogo entre os saberes escolares e sociais (2005, p. 35).

Assim como Arroyo, defendemos que o processo de ensino e aprendizagem deve partir do cotidiano dos estudantes, pois estes precisam se sentir pertencentes e motivados a aprender dentro desse novo contexto em que se inserem. Nessa mesma linha, Freire (1997) defende que o trabalho do professor deve ser mediado com o cotidiano do sujeito. O professor deve oferecer espaço para discussões onde o aluno se sinta parte integrante do processo.

Ao ser questionada sobre qual é o maior desafio de ensinar alunos da EJA Campo que trabalham, P1 relata que procura “ajustar o horário das aulas devido questões de deslocamento, cansaço que gera desânimo, faço com que se envolvam na aula para motivá-los a participarem das discussões sobre o conteúdo abordado”.

O relato de P1 aponta para a necessidade de relações sociais com esses estudantes. Se não há compreensão de linguagem, de comportamento e diálogo, o processo de aprendizagem é inviável. A sociedade é regida por relações humanas e não seria diferente na escola. Paulo Freire destaca a relação humana no processo da educação afirmando que:

Educar é um ato de amor onde mulheres e homens se entendem como seres inacabados prontos para aprender sendo que não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e

recriação, se não há amor que o funde [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também diálogo. (Freire, 1987, p. 79-80)

É perceptível que não há como separar o afetivo do intelectual, pois o ser humano precisa ser entendido como um todo e não podemos separar a razão da emoção. Caso essa separação aconteça, é provável que lacunas no processo de aprendizagem apareçam.

Nessa perspectiva, ressaltamos a importância da atuação de P1, que não valoriza apenas o aspecto cognitivo, mas também o afetivo, mostrando ao seu aluno que ele é aceito independente de suas condições de vida, e deve, portanto, confiar no seu potencial de aprender. A EJA é uma modalidade de ensino que requer metodologias diferenciadas, pois se refere a um público formado por jovens e adultos que chegam na escola cansados e que precisam ser vistos com outros olhos.

Na pergunta “Como trabalha os conteúdos de Ciências com os alunos da EJA Campo?”, P1 respondeu “busco ouvir os alunos sobre saúde, alimentação, doenças, atividade física e o meio ambiente, assim desenvolvo as aulas associando os conteúdos e o plano de curso a realidade e anseios da maioria.

A preocupação de P1 é relacionar o conteúdo com a realidade na qual o aluno está inserido, mostrando a sua aplicação e tornando a aula atrativa. Sabe-se que estudar assuntos relacionados ao nosso cotidiano pode ser um exercício muito prazeroso e, também, confortável, pois já se possui um conhecimento prévio, muitas vezes relacionado com a prática profissional ou até mesmo relacionado com o território no qual se está inserido.

Sacristán (2000), nesse sentido, afirma que os professores dispõem de uma margem de atuação importante na escolha dos conteúdos e sinaliza este aspecto ao afirmar:

Qualquer professor tem experiência pessoal, por pouco consciente que seja de seu próprio trabalho, de que dedica mais tempo a alguns conteúdos do que a outros, de que realiza atividades mais variadas em alguns que em outros; inclusive alguns temas lhe agradam mais e outros nem tanto etc. (Sacristán, 2000, p. 174).

Conduzir de perto o aprendizado dos alunos da EJA Campo é tão importante quanto acompanhar o aprendizado da cidade, porém sempre é importante lembrar que os jovens e adultos procuram temas e atividades que tenha a ver com sua realidade.

A escola do campo precisa entender seu papel social no processo de valorização da cultura do campo, lembrando que é através dela que se renovam valores, atitudes, conhecimento e sentimento de pertencimento da terra, permitindo a formação de identidade dos atores sociais inseridos no contexto de luta por garantia de direitos e espaço. Para isso, é fundamental trazermos o decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que enfatiza os princípios da Educação do Campo, artigo 20:

I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais políticos, econômicos, de gênero geracional e de raça e etnia;

II - incentivo a formulação de projetos políticos pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;

III - Desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social na vida do campo;

III - valorização da identidade de políticas da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas as reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar incluindo adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;

IV - controle social da qualidade da educação escolar mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo.

Esses princípios da Educação do Campo coadunam com os princípios da EJA Campo que é uma modalidade de ensino que requer metodologias diferenciadas, pois os conteúdos trabalhados devem ser dados de uma forma que tenham um sentido para a vida. O professor precisa dinamizar suas aulas, utilizando práticas pedagógicas diferenciadas e contextualizadas.

Questionamos como é construída em sala de aula a dialogicidade entre ela e os seus alunos da EJA e P1 respondeu que:

Sempre é o ponto essencial nas minhas aulas, rodas de conversas, debates, grupo de *WhatsApp*, trocas de experiências, apresentações diversas como cantigas, rimas, poesias, dialetos e produções textuais, a exemplo do livreto “a voz da mulher do campo” que fala de algumas mulheres inspiradoras, que moram ou que convivem na comunidade (P1).

Percebemos na resposta de P1 que ela defende uma prática pedagógica na perspectiva da ação dialógica para deixar o processo educativo mais eficiente. Esse pensar também é defendido por Freire (1997) que acreditava que a razão de ser da educação está na interação entre educador e educando, a partir de uma relação dialógica na qual os saberes do discente devem ser considerados no fazer pedagógico.

Acreditamos que seja fundamental que os docentes construam uma postura dialógica, não mecânica, trabalhando o processo ensino e aprendizagem na ação-reflexão-ação fundamentado na consciência da realidade vivida pelos estudantes, jamais os reduzindo à simples transmissão de conhecimentos, pois os alunos trazem conhecimentos de vida consigo que devem ser sempre o ponto de partida para a própria aprendizagem.

E, por fim, questionamos a P1 se ela leva em consideração a vida dos estudantes no momento de pensar a sua prática e ela respondeu que:

O homem do campo é historicamente discriminado, excluído, mas a força de grupos sindicais promoveu mudanças ao longo do tempo e o ensino da EJA Campo vem nesse caminho. Então, afirmo que conhecer o aluno e a sua história de vida é o elo de cumplicidade e de respeito no ensino da EJA. Assim, o trabalho permeia caminhos que realmente desenvolvem o aprendizado significativo e transformador na vida do aluno, o acolhimento socioemocional é primeiro passo do planejamento.

Percebemos que a fala da professora está de acordo com o que preconizava Freire (1997) quando dizia que a essência da Pedagogia era a priorização das particularidades dos alunos, pois, segundo ele, a educação não se faz de forma isolada e alheia ao contexto social. Freire defendia uma educação humanizada que respeitasse a identidade cultural dos alunos, estimulando a sua participação ativa na produção do conhecimento.

É importante que o educador, antes de tudo, conheça quem são os seus alunos, a sua cultura, as suas opiniões, os seus sonhos e as suas expectativas, respeitando seus traços culturais, ou seja, que o professor passe a ler e entender a sua turma para que, junto com a equipe pedagógica da escola, os conteúdos e métodos escolhidos sejam adequados para se trabalhar com eles. De acordo com as Diretrizes Curriculares da EJA (Brasil, 2000, p. 33):

Compreender o perfil do educando da EJA requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida e que em algum momento afastou-se da escola devido a fatores sociais econômicos políticos e ou culturais.

Essa Diretriz preconiza que o educador valorize as experiências prévias dos estudantes, para que estes desenvolvam, assim, a visão crítica da realidade. Nessa relação pedagógica, docente e discente devem caminhar juntos rumo a um universo de conhecimento a ser explorado.

Quando falamos do aluno da EJA Campo, referimo-nos ao cidadão brasileiro enraizado em comunidades do campo nas quais a ausência não é só de educação, mas de muitos outros direitos fundamentais como, por exemplo, saúde, liberdade, segurança e dignidade.

Compreendemos que fica nítido a cada fala da professora o quanto ela é apaixonada por todo seu trabalho na EJA Campo mesmo porque ela mora também no campo e conhece a realidade desses alunos, por quem tem um afeto grande.

## **5 Conclusões**

Este trabalho buscou compreender a concepção de práticas pedagógicas de uma professora de Ciências da Educação de Jovens e Adultos do Campo em uma escola no distrito do município de Feira de Santana (BA). Os resultados obtidos com a pesquisa possibilitam afirmar que a professora respeita e valoriza a realidade dos seus alunos para articular suas estratégias metodológicas com um olhar afetivo e amoroso para com eles.

O estudo revelou também que a prática pedagógica da professora da EJA exerce grande influência no processo de ensino e aprendizagem e motiva os estudantes para a permanência na escola, pois esta possui um olhar acolhedor e acompanha a trajetória de seus estudantes ao longo do processo educativo.

É preciso que o/a professor/a da EJA Campo estabeleça vínculos afetivos com seus alunos, o ensino nessa modalidade deve ser pautado por confiança e contextualizado, pois o espaço escolar deve proporcionar momentos de discussões onde os educandos se sintam parte do processo de ensino e aprendizagem, agentes transformadores da realidade que os cercam, como preconizam as Diretrizes Curriculares para a Educação do Campo.



Consideramos que é um desafio para os docentes da EJA Campo, enfrentarem e superarem as dificuldades vividas pelos educandos que trabalham devido ao cansaço e à falta de tempo para estudar e de realizar trabalhos fora do ambiente escolar. Nesse sentido, consideramos que a prática pedagógica para o ensino de Ciências na EJA Campo seja inovadora e não distante da realidade dos educandos nessa modalidade, que leve em consideração, acima de tudo, a trajetória de vida, os objetivos e as perspectivas dos sujeitos da EJA.

Por acreditar que a prática pedagógica para o ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos do Campo tem muito a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos da EJA, consideramos que existe a necessidade de seguir pesquisando. Sugerimos que futuras pesquisas possam ser realizadas e que sejam realizados trabalhos formativos com os docentes da comunidade escolar, para que se resgate o que está estabelecido dentro das Diretrizes Curriculares do Brasil da EJA e são estabelecidos em seu Projeto Político Pedagógico.

## 6 Referências

ALMEIDA, Nadja Rinelle oliveira de; FONTENELE, Inambê Sales; FREITAS, Ana Célia Sousa. Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A educação básica e o movimento social do campo. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Educação de jovens - adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *in*: Leôncio Soares; Maria Amélia Giovanetti; Nilma Lino Gomes. (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: autêntica, 2005.

ARROYO, M. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA, itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: vozes, 2017.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. **A escola popular na escola cidadã**. Petrópolis (RJ) Vozes, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **LDB. Lei 9394/96** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação média e tecnologia. **Parâmetros Curriculares nacionais**: Terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental - ciências naturais. Brasília: MEC/SEMTEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 2000.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Conselho de Educação Básica. Resolução CNE/CEB Nº 01 de 03 de Abril de 2002**: Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília - DF: CNE/CEB, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 7.352 de 04/11/2010. Senado Federal.2024**. Disponível em < [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br) >. Acesso em: 10. fev. 2024.

CALDEIRA, A. M. S.; Z Aidan, S. **Prática pedagógica**. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. C.; VIEIRA, L. M. F. (Org.). Dicionário: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: Gestrado/UFMG, 2010. Disponível em:<<http://www.gestrado.net.br/?pg=dicionarioverbetes&id=328>>.

CERQUEIRA, Iago Lima; MENDES, Maricleide Pereira de Lima. As práticas pedagógicas para o ensino de ciências na educação do campo: uma revisão de literatura. **Educ. Form.**, Fortaleza, v.9, e 12096, 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa 21. ed. São Paulo. Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 5ª ed. São Paulo. Cortez. 2001a.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, Cortez: 2001b.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, M.; ROMÃO, E. J. **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, Moacir. Educação de Jovens e Adultos: correntes e tendências. *In*: GADOTTI, Moacir. ROMÃO, José E. (Orgs). **Educação de Jovens e Adultos**: Teoria prática e proposta. Editora Cortez: Instituto Paulo Freire, São Paulo, 2006, (Guia da escola cidadã; v. 5).

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. **Método de Pesquisa**. Porto Alegre: SEAD/UFRGS, 2009.

MENDES, Maricleide Pereira de Lima; FADIGAS, Joelma Cerqueira. O ensino de Química no contexto da educação do campo: uma revisão bibliográfica nos anais do eneq (2008 - 2020). **REDEQUIM**, V. 9, N. 4. p. 172-185.

MORAES R, GALIAZZI M. S. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí. 2011.

MOLINA, M. C.; SÁ, L.; M. Escola do Campo. *In*: CALDART, R et al (Orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

SACRISTÁN. J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOUZA, S. V.; BORGHI, I. S. M.; MENDES, M.P.L.; PORTO, K.S.A Ludicidade na EJA/Campo no contexto de uma escola da Comunidade de Matinha dos Pretos, Feira de Santana -BA. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 6, e 9057, 2021.